

## **O legado do rock em Recife e o fantasma do Mangue: uma análise geográfica do rock recifense contemporâneo (2020-2025)**

**The legacy of rock in Recife and the ghost of Mangue: a geographical analysis of contemporary rock in Recife (2020-2025)**

**El legado del rock en Recife y el fantasma del Mangue: un análisis geográfico del rock recifense contemporáneo (2020-2025)**

João Vitor Freire Almeida – [joao.vitorfreire@ufpe.br](mailto:joao.vitorfreire@ufpe.br)  
Graduando da Universidade Federal de Pernambuco  
[Orcid : https://orcid.org/0009-0004-6234-7752](https://orcid.org/0009-0004-6234-7752)

### **Resumo**

Este trabalho investiga as dinâmicas do rock recifense contemporâneo. Articula conceitos como *mainstream* e *underground*, em diálogo com os legados do Udigrudi e do Manguebeat. A metodologia envolveu levantamento teórico e entrevistas semiestruturadas com 9 representantes de projetos musicais de Recife e Região Metropolitana, com primeiro lançamento após 2020 e influência do rock. As respostas foram sistematizadas e analisadas em tabelas, gráficos. Os resultados indicam um *underground* plural, colaborativo e marcado por interações entre jovens, mas atravessado por desigualdades socioespaciais, concentração de espaços culturais e dependência das plataformas digitais. Observa-se a permanência simbólica do Manguebeat, entendida como "fantasma do Mangue". Conclui-se que não há consenso sobre uma cena definida de rock em Recife, embora haja intensa efervescência cultural. Esse resumo é um recorte do TCC do autor.

**Palavras-chave:** Geografia musical, Rock recifense, Fantasma do Mangue, Recife.

### **Abstract**

This study investigates the dynamics of contemporary rock in Recife. It articulates concepts such as *mainstream* and *underground* in dialogue with the legacies of Udigrudi and Manguebeat. The methodology involved a theoretical review and semi-structured interviews with 9 representatives of musical projects from Recife and its Metropolitan Region, whose first public release occurred after 2020 and whose work is influenced by rock. The responses were systematized and analyzed through tables and graphs. The results indicate a plural and collaborative underground scene marked by interactions among young people, yet shaped by socio-spatial inequalities, the concentration of cultural spaces, and dependence on digital platforms. The symbolic persistence of Manguebeat is also observed, understood as the "ghost of Mangue." It is concluded that there is no consensus regarding a clearly defined rock scene in Recife, although there is intense cultural effervescence. This abstract is an excerpt from the author's undergraduate thesis.

**Key words:** Musical geography, Recife rock, Ghost of Mangue, Recife.

## Resumen

Este trabajo investiga las dinámicas del rock contemporáneo de Recife. Articula conceptos como *mainstream* y *underground*, en diálogo con los legados del Udigrudi y del Manguebeat. La metodología incluyó una revisión teórica y entrevistas semiestructuradas con nueve representantes de proyectos musicales de Recife y su región metropolitana, cuyos primeros lanzamientos se produjeron después de 2020 y que presentan influencias del rock. Las respuestas fueron sistematizadas y analizadas mediante tablas y gráficos. Los resultados señalan la existencia de un *underground* plural, colaborativo y caracterizado por interacciones entre jóvenes, pero atravesado por desigualdades socioespaciales, la concentración de espacios culturales y la dependencia de las plataformas digitales. Se observa la permanencia simbólica del Manguebeat, entendida como el "fantasma del Manguê". Se concluye que no existe consenso sobre una escena de rock definida en Recife, a pesar de la intensa efervescencia cultural. Este resumen es una síntesis del trabajo de fin de grado del autor.

**Palabras clave:** Geografía musical, rock de Recife, Fantasma do Manguê, Recife.

Recebido em: 15/06/2026  
Aceito para publicação: 22/06/2026  
Publicado: 16/08/2026

## **Introdução**

Recife apresenta uma imensa efervescência cultural e, com isso, uma grande diversidade de manifestações, artistas e movimentos ao longo dos séculos (UNESCO, 2021). Com a globalização e a maior disseminação de cultura do norte global, juntamente com a fertilidade artística de Recife, o rock se encontrou com a cultura local e reverberou de diferentes formas com a população ao longo das décadas, em especial na década de 1970 com o Udigrudi e na década de 1990 com o Mangubeat (Alves, 2023).

Em comparação a estes dois períodos, o cenário de produção e consumo de cultura atual encontra-se completamente mudado devido às dinâmicas estabelecidas pela era digital e o advento das mídias sociais. Em contraste com os cenários do final do século XX, que dependiam da vontade de editoriais das mídias tradicionais e das gravadoras, as plataformas digitais oferecem maior quantidade de conteúdo para ser consumido, bem como facilitam a divulgação de qualquer indivíduo com um dispositivo com acesso à internet.

A partir disso, e com o objetivo de se investigar a existência (ou não) de uma cena definida de rock contemporâneo em Recife, foram realizadas entrevistas com diferentes artistas com influência do rock na capital pernambucana e sua região metropolitana para se entender a perspectiva dos músicos na cena e suas distintas realidades dentro do *underground* recifense.

## **Lógica de mercado do *mainstream* e *underground***

Em sua tese, Gleyber Silva traz uma reflexão sobre a cultura urbana e a hierarquização dos espaços. Para ele, a cidade é palco para uma diversidade de pontos nodais em uma complexa rede onde certos espaços são privilegiados e outros são escanteados. Além disso, há a globalização, que favorece a criação de conexões numa escala global ao mesmo tempo que verticaliza desigualdades, o que causa assimetrias no uso do meio técnico-científico-informacional (Silva, 2025).

A partir disso, o autor argumenta como a cena musical passa a se desenvolver como resultado de um fluxo induzido por forças mercadológicas e midiáticas hegemônicas ou como fluxos que se posicionam contra ou subculturalmente, ainda que sob uma lógica de produção capitalista, o que cria formas culturais alternativas.

Essa dualidade foi classificada, respectivamente, como *mainstream* e *underground* (Silva, 2025).

Em conformidade com Almeida e Tracy (2003, p. 181), forças que emanam da concentração econômica animam o *mainstream*, aplicando-se “às ‘maiorias convencionais’ que não se estruturam em torno de um gosto musical seletivo e não se recusam à mídia e ao consumo”. (...) O *underground* organiza-se em atos minoritários de uma expressão musical reativa, muitas vezes restrita aos seus membros, com menor aderência de pessoas ao seu modo de vida e pequena catalisação de recursos, o que fez com que este universo fosse caracterizado durante muito tempo pela primazia da falta (Campoy, 2022). O que para muitos foi tratado como a finalidade em si do *underground*, naquela ideia de performar somente em ambientes preteridos nos circuitos de shows, nas gravações precárias e nas mídias informais, parece-nos uma consequência direta da discrepância que se estabelece desta mediação de forças desiguais do global/local e da assimetria de usufruto do meio técnico-científico-informacional. (Silva, 2025, p. 74).

Essa desigualdade local também se traduz em aspectos materiais de executabilidade de shows e eventos que estão difusos de forma hierárquica na lógica globalizante, o que faz com que quaisquer formas de infraestrutura sejam diferentes nos espaços estadunidenses e europeus quando comparados aos acessíveis no sul global (Silva, 2025).

### O legado do rock na cultura recifense

Recife é uma cidade que, historicamente, apresenta manifestações que aglutinam elementos culturais locais e manifestações políticas com gêneros artísticos estrangeiros. Quando se trata do rock, é possível perceber essa influência em dois períodos que se destacam: o Udigrudi, na década de 1970, e o Mangubeat, na década de 1990 (Alves, 2023).

Durante a ditadura militar, o estado de Pernambuco e sua desigual capital foram palco para o surgimento do movimento cultural denominado Udigrudi, também conhecido como Psicodelia Pernambucana ou Desbunde Recifense. Tal movimento era tradicionalmente atrelado ao questionamento do conservadorismo presente nas artes e sociedade da época. Assim, desenvolveu-se um projeto de criação artística inovadora, plural e sem unidade estética que trazia elementos da música psicodélica estrangeira das décadas de 1960 e 1970, algo pouco conhecido pelos brasileiros na época (Alves, 2023).

Tal movimento permitiu o surgimento de inúmeros artistas, entre eles Alceu Valença, Zé Ramalho, a banda *Ave Sangria*, Maristone Marques, Flaviola, Lula

Côrtes, Laílson, a banda *Aratanha Azul*, além de muitos outros. No entanto, Marco Polo, ex-vocalista do *Ave Sangria*, em entrevista para Alves (2023), afirma que não existiu um plano para o movimento, foi algo espontâneo. As produções musicais e performances possuíam um tom advindo da repressão imposta por diferentes lados da sociedade, como o regime militar, tradições familiares e costumes cristãos (Alves, 2023).

Tais sujeitos resistiram à ordem retrógrada característica de um espaço organizado por um governo a utoritário, seja burlando a censura, seja praticando formas alternativas de sociabilidade. Tratou-se de uma resistência por meio da arte fincada no cotidiano, produção que se confunde com o próprio modo de existência dos sujeitos Udigrudi, propiciando a criação e recriação de lugares (Alves, 2023, p. 193).

Embora a Psicodelia Pernambucana não apresentasse uma unidade estética consolidada, é possível identificar temas recorrentes em suas produções. De acordo com Melo e Vilela (2018), esses temas frequentemente revisitam elementos visuais da paisagem nordestina, presentes nas artes visuais, figurinos e performances.

Os pesquisadores citam, por exemplo, a representação do sertão nas capas dos discos de bandas como *Ave Sangria* e *Aratanha Azul* (Figura 1 e Figura 2). Paralelamente, as letras das músicas exploravam paisagens e vivências ligadas a Recife e ao Nordeste, enquanto a sonoridade mesclava instrumentos regionais, como a viola e o triângulo, com a estética clássica do *rock 'n' roll*, evidenciada em solos de bateria e *riffs* de guitarra distorcidos (Melo e Vilela, 2018).

O Udigrudi acabou por possuir uma reduzida discografia, uma vez que, musicalmente, era muito experimental e de desinteresse do ponto de vista comercial, o que foge da lógica *mainstream* e se estabelece no cenário *underground*, segundo a definição de Silva (2025).

Em 1972, ocorreu a I Feira Experimental de Música do Nordeste, no Teatro de Pedra, em Nova Jerusalém, situado no município de Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco. Foi um importante evento artístico da cena Udigrudi, com a presença de múltiplos artistas do movimento, mas teve pouca divulgação, com exceção de uma nota no Jornal do Commercio. Apesar disso, em entrevista, Marco Polo estima a presença de um público de duas mil pessoas (Melo e Vilela, 2018).



**Figura 1** — Paisagem do Sertão no disco Ave Sangria. 1974.



Fonte: Ave Sangria (1974).

**Figura 2** — Paisagem do Sertão no disco Aratanha Azul. 1979.



Fonte: Aratanha Azul (1979).

Ademais, a circunstância foi favorável para o encontro e a troca de ideias entre os músicos, que até então agiam sem interação (Alves, 2023). Apesar das dificuldades relatadas, Marco Polo comenta como seus shows passaram a aglomerar pessoas de diferentes classes sociais e espaços de Recife, com público tanto do morro quanto de zonas nobres como Boa Viagem, especialmente no final da carreira da banda, em 1974.

Após a década de 1970, ocorreu mais uma efervescência cultural na década de 1980, apesar de não possuir um nome ou movimento específico definido. Porém, vale destacar diferentes grupos musicais que surgiram durante o período e que tiveram muita influência do *heavy metal* e do *punk* como *Herdeiros de Lúcifer*, *Devotos do Ódio*, *Cruor*, entre outros (FUNDAJ, 2023). Além disso, também vale destacar o surgimento da *Mundo Livre S/A*, banda de Fred Zero Quatro, que posteriormente seria uma importante figura para o Mangubeat que surgiria na década seguinte (Ribeiro, 2007).

Em contraste com o surgimento espontâneo do Udigrudi, o Mangubeat surgiu na década de 1990, em Recife e Olinda, tendo como um dos seus objetivos trazer destaque para problemas sociais presentes na sociedade da capital pernambucana, e teve Chico Science e Fred Zero Quatro como alguns de seus idealizadores (Monte e Rosa, 2016).

O movimento construiu uma identidade visual ao utilizar o caranguejo e o mangue como símbolo (Figura 3), a partir do Manifesto Caranguejos com Cérebro, de Fred Zero Quatro, em que é ressaltada a importância da biodiversidade dos manguezais tanto para o próprio ecossistema, quanto para as populações que dependem da venda e consumo dos caranguejos para sobreviver, ao mesmo tempo em que traça um paralelo com a conexão entre a cultura popular nacional e internacional, assim fomentando uma nova diversidade que se manifesta com a imagem da antena parabólica enfiada na lama. (Zero Quatro, 2009)

Ainda em seu manifesto, Fred Zero Quatro aborda os problemas de Recife como a pobreza e a negligência de populações carentes por parte do governo. Seu relato é respaldado pelo fato de que a capital pernambucana era a cidade com maior índice de desemprego no

país. Zero Quatro finaliza seu texto com um clamor por mudança na cultura recifense (Monte e Rosa, 2016).

**Figura 3** — Caranguejo, símbolo do Manguebeat, na capa de *Da Lama ao Caos*. 1994.



Fonte: Chico Science e Nação Zumbi (1994).

O termo Manguebeat advém da união da palavra batida (*beat*) com mangue e busca unir conceitos musicais da cultura pernambucana com características musicais do exterior que alcançaram Recife por meio do processo da globalização. Entre os elementos regionais tem-se maracatu, coco e ciranda que se uniram a ritmos estrangeiros como *rap*, *soul*, *funk*, *punk* e *rock* (Monte e Rosa, 2016). Dessa forma, as músicas do movimento abordavam questões sociais da cidade por meio de uma mistura única de ritmos e enaltece a cultura local sem negar as influências advindas da globalização.

Isto é observável no exemplo de *Da Lama ao Caos*, de *Chico Science e Nação Zumbi*, em que são abordados conceitos como o “homem-caranguejo” e “homem-gabiru” que se referem às populações ribeirinhas que foram forçadas a se mudar para o morro, porém continuam a sofrer com os problemas sociais da cidade (Monte e Rosa, 2016). Tudo isso é acompanhado de uma percussão no tradicional ritmo de maracatu juntamente com *riffs* de



guitarra distorcida, comumente utilizados em gêneros como rock psicodélico, rock progressivo e rock *shoegaze*.

## Procedimentos Metodológicos

### Levantamento e seleção das bandas

Em 2022, fui apresentado a uma das bandas entrevistadas nessa pesquisa por meio de um amigo que divulgava o trabalho de um de seus colegas de sala de aula: o álbum *Eu tô muito é pior*, de *Hóspedes da Rua Rosa*. Ao escutar as músicas, fiquei maravilhado com a diversidade de gêneros misturadas em uma única obra que ao mesmo tempo que carregava uma identidade recifense e pernambucana. Percebi elementos experimentais que mesclavam rock, frevo, maracatu, *indie*, armorial entre outros. Isso me lembrou de artistas nacionais do final do século XX, os únicos músicos brasileiros que eu acompanhava até então.

Fiquei motivado a buscar mais música nacional contemporânea que dialogasse com esse gosto por arte experimental. O que me levou a conhecer artistas de todo o Brasil. As poucas bandas de Recife que encontrei, entretanto, me fizeram questionar sobre a atual cena recifense de rock. Assim, durante a reta final do curso de bacharelado em Geografia, me percebi interessado na Geografia Cultural, o que me motivou a utilizar essa questão para desenvolver a presente pesquisa como meu trabalho de conclusão de curso.

Então, acessei as redes sociais das bandas e fui atrás de outros grupos que elas seguiam. Além disso, explorei perfis de eventos e estúdios de gravações recifenses para localizar mais artistas locais. A partir disso fui dialogando com os membros que, por sua vez, forneciam contatos de outras bandas. Dessa forma, fui capaz de entrar em contato com 9 artistas representantes, número que engloba um total de 10 bandas; um selo independente e uma produtora de eventos, todas interconectadas diretamente ou indiretamente entre si na capital pernambucana.

Para estabelecer um paralelo entre a cena do rock contemporâneo e movimentos mais definidos de décadas anteriores, adotou-se como recorte temporal o período a partir de 2020 até 2025. Essa escolha permite comparar o início da atual década com o surgimento dos movimentos passados, como o Udigrudi na década de 1970 e o Maguebeat na década de 1990.

Para a seleção, com o objetivo de se verificar se há uma possível cena musical contemporânea, adotei o critério de incluir apenas bandas que (1) tivessem seu primeiro lançamento público após 2020; (2) que fossem originárias de Recife ou de sua região metropolitana; (3) que desenvolvessem atividades na capital pernambucana e (4) que possuísem alguma influência do gênero musical rock. O gosto musical pessoal do autor não foi critério para exclusão ou inclusão de qualquer artista selecionado para a amostra.

A Figura 4 apresenta um código do serviço de *streaming* de música *Spotify* que pode ser escaneado pelo aplicativo para se ter acesso a uma *playlist* com uma faixa de cada banda contemplada na pesquisa.

**Figura 4** — Código *Spotify* para a *playlist* de nome “Geografias do rock recifense contemporâneo: sociabilidades musicais na era digital (2020-2025)”. 2025.



Fonte: Elaborado pelo autor via *Spotify* (2025).

### Entrevistas semiestruturadas

Foi preparado um roteiro de entrevistas semiestruturadas para aplicação com um representante de cada banda. O roteiro apresenta 27 perguntas e busca compreender as dinâmicas espaciais da cena musical do rock em Recife com foco no legado do gênero na sonoridade da cidade, além de outras dinâmicas que não foram contempladas no atual resumo (Almeida, 2026). Devido a limitação de horários de dois dos entrevistados, em algumas entrevistas nem todas as perguntas foram contempladas.

Por fim, foi questionado sobre a identidade cultural de Recife para entender como o legado artístico da cidade impacta no circuito musical contemporâneo.

As entrevistas foram realizadas por videoconferência entre os dias 21/11/2025 e 28/11/2025. Antes do diálogo, os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. As perguntas seguiram o roteiro elaborado e as respostas foram gravadas, anotadas e organizadas em planilhas do Excel.

## **Análise dos dados e confecção de tabelas e gráficos**

As respostas foram sistematizadas e traduzidas em mapas, tabelas ou gráficos para análise crítica do contexto estudado. Como a maioria das respostas foi de natureza qualitativa, para a construção de tabelas e gráficos, os conteúdos das falas foram sintetizados em tópicos comuns recorrentes nas diferentes entrevistas.

Partes das perguntas foram organizadas em tabelas e gráficos manualmente, isto é, cada resposta foi analisada individualmente e foram atribuídos tópicos em comum entre as diferentes entrevistas.

Paralelamente, questões com respostas mais complexas e extensas tiveram o auxílio do modelo de linguagem de larga escala GPT-5.1 (ChatGPT, OpenAI) para sintetizar ideias gerais. Vale ressaltar que a ferramenta **não** foi utilizada para a redação dos textos da pesquisa, mas exclusivamente **instrumentalizada** como suporte para a organização de tópicos comuns entre as múltiplas respostas qualitativas. O *template* de *prompt* construído e utilizado foi o seguinte:

Em entrevistas com membros de bandas foi realizada a seguinte pergunta: [*Pergunta específica do roteiro*]. A partir disso, o pesquisador transcreveu a ideia geral de cada resposta. Quero que tópicos pertinentes e ideias centrais entre as falas sejam categorizadas. Cada parágrafo é uma anotação de resposta de uma entrevista diferente.

Em seguida, os parágrafos das respostas foram anexados à mensagem e ela foi enviada para o modelo de linguagem. A partir disso, o resultado foi revisado criticamente, a fim de certificar-se que não há incoerências ou informações não condizentes com o material empírico (alucinações por parte da inteligência artificial). Após tal verificação, as ideias foram organizadas e discutidas no capítulo com os resultados e discussões e/ou estruturadas em gráficos e tabelas.

## **Apresentação dos entrevistados e seus projetos**

Ao pesquisar por diferentes artistas para a realização da atual pesquisa, foi percebido que existe uma grande diversidade de gêneros musicais e uma grande quantidade de músicos. Apesar da atual amostra possibilitar importantes reflexões e análises sobre a cena contemporânea do rock, também entende-se que existe uma limitação devido ao número reduzido de entrevistados.

Entretanto, mesmo com a limitação da amostra atual, é possível se observar uma grande variedade de gêneros musicais contemplados pelas bandas entrevistadas (Tabela 1).

**Tabela 1** — Variedade de gêneros citados pelas bandas entrevistadas. 2025.

| Categoria                       | Gêneros incluídos                                                                                                                                                           | Total de citações |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Rocks                           | Rock; rock alternativo; rock experimental; rock psicodélico; rock pop; krautrock; AOR; rock emo; posthardcore; shoegaze; post rock; indie rock; rock nacional; classic rock | 21                |
| Músicas nordestinas/brasileiras | Manguebeat; frevo; maracatu; cavalo marinho; forró; samba; brega; MPB; brasilidades                                                                                         | 10                |
| Black music estadunidense       | Jazz; jazz fusion; blues; soul; new soul; funk                                                                                                                              | 8                 |
| Latinidades                     | Ritmos latinos; salsa; cumbia                                                                                                                                               | 3                 |
| Outros                          | City pop                                                                                                                                                                    | 1                 |

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas (2025).

O primeiro entrevistado foi Minino Johnny, antigo membro da banda *Hóspedes da Rua Rosa*, que atualmente está em hiato indefinido. Além disso, ele também é CEO (*Chief Executive Officer*) do selo independente e produtora de eventos *Noite Ruim Records* e possui uma banda ativa denominada *DRVA* (lê-se "Deriva") que, segundo o próprio perfil no *Spotify*, "opera numa fusão diversa de gêneros [...] propondo uma sonoridade etérea, surrealista e pesada, sem medo do experimentalismo" (DRVA, s.d., on-line). Tendo sua origem na Zona norte.

Em seguida, Lucas de Moura, da *Mangroov*, também possui raízes na Zona Norte e descreve a banda da seguinte forma: "Cantando Recife e suas injustiças — inspirados pelo movimento Manguebeat, trazendo para os dias de hoje a antropofagia, misturando frevo, funk e rock de um jeito pernambucano" (Mangroov, s.d., on-line).

O terceiro entrevistado foi Dennis Santana, membro da *Macaco que Pensa Sofre*, com mais presença em Olinda e Paulista, para além da atuação em Recife. A banda se descreve como “um rockão direto, dançante e sem firula, pra curtir, brindar e tomar uma” (Macaco que Pensa, Sofre, s.d., on-line). O artista também possui outros projetos como a banda *Gramophante* e *Como Desistir?*.

Vitor Fireman foi entrevistado representando a banda *Oito Lentes* que possui origens na Zona Norte e é a banda mais recente da amostra. Além de ser integrante do grupo, Fireman também possui o seu projeto solo.

Nadí Silva representou a banda *Bruxos de Nadí*, grupo formado pela entrevistadora e seu irmão, ambos vindos do Maranhão, juntamente com outros dois membros, um de Recife e outro de Cabo de Santo Agostinho. Além disso, Nadí também possui o projeto *Bandido Corazon*, com Antonio Nolasco.

Nolasco foi entrevistado representando a banda *Jambre*. Segundo seu perfil no *Spotify*, “o nome vem de uma fruta de cor roxa-avermelhada, doce e de textura macia e crocante — imagem que traduz a proposta artística do grupo, baseada em contrastes entre força, sensibilidade, raiz e experimentação” (Jambre, s.d., on-line). Além de participar de outros projetos, o artista também é membro da banda *Travadores*.

A entrevista da *Travadores* foi respondida por João Queiroz. A banda, que se formou entre amigos de faculdade em 2019, possui membros da Zona Norte e bairros periféricos nas suas proximidades. Seu som é marcado por um rock alternativo autodenominado *black indie*, segundo Queiroz.

Renan Pessoa foi o entrevistado da banda *Zambrotta*, que se destaca pelo sua sonoridade *post-emo* e por ser um dos grupos que foge da regra da atual amostra de ter parte de sua origem ligada à Zona Norte de Recife. A banda é formada por amigos com vivências em Jaboatão dos Guararapes e na Zona Sul da capital pernambucana, comentou Pessoa.

Por fim, Beró foi o representante da banda *Papôla*, que se destaca por possuir uma sonoridade mais divergente dos outros entrevistados, como evidenciado pelo próprio grupo quando ao afirmar que “passeia pelo jazz fusion, city pop, AOR até o rock experimental, conduzindo-se simultaneamente por um refinamento musical e brincadeiras inteligentes” (Papôla, s.d., on-line). Seus membros possuem raízes em



diferentes áreas de Recife, além de terem vivências em múltiplos municípios do interior e da região metropolitana.

## Desenvolvimento

### O fantasma do Mangue

Dado que, na cidade, existem assinaturas musicais que remetem a um determinado espaço ou tempo, foi perguntado para os representantes das bandas se Recife possuía uma assinatura própria. A partir disso, foi obtido uma variedade de respostas em comum como elementos do frevo, maracatu, brega e brega *funk*. De um total de 7 entrevistados que foram perguntados sobre essa questão, 6 mencionaram o Manguebeat.

É notório como a identidade criada pelo movimento de Chico Science e Fred Zero Quatro repercutiu pela cidade e é muito querida pela população recifense, ao ponto de moldar a paisagem da cidade, como se pode observar em exemplos como os caranguejos da Rua da Aurora (Figura 7), a Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco (Figura 6), a estátua de Chico Science na rua da Moeda (Figura 8) e grafites espalhados por toda cidade (Figura 5).

**Figura 5** — Recife/PE. Grafite de caranguejo e antena parabólica enfiada na lama no Parque das Graças. 2025.



Fonte: Fotografia de Bruno Alcântara (2025).

**Figura 6** — Recife/PE. Caranguejo na Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco. 2024.



Fonte: Registro do autor (2024).

**Figura 7** — Recife/PE. Monumento ao Manguebeat na Rua da Aurora. 2018.





Fonte: Publicada pelo usuário Mariordo na Wikipédia (2018).

**Figura 8** — Recife/PE. Estátua de Chico Science do Circuito da Poesia na Rua da Moeda. 2024.



Fonte: Publicada pelo usuário RLimaR na Comunidade Samsung Members (2024).

Beró e Minino Johnny ressaltam que o movimento possui mais de 30 anos e consideram que esse foi o último grande movimento musical de relevância nacional e que, desde então, não houve nada com impacto semelhante. Apesar de efervescências posteriores, como o funk dos anos 2010, o sertanejo universitário e o

brega funk, os entrevistados não enxergam que houve um movimento cultural com a mesma dimensão e força simbólica do mangubeat. Dessa forma, Johnny classifica como “fantasma do Mangue” a ideia e sentimento de que as bandas de Recife vivem na obrigação de repetir o mesmo estilo.

Ele comenta: “O fantasma do Mangue tá muito presente aqui na gente, parece que toda banda precisa suceder a partir de um bairrismo cego que não sabe mais como criar” e complementa: “Recife, que já é tão conhecida pela sua diversidade, acaba ficando redundante”. Mas o artista também afirma que as bandas estão cada vez mais cientes disso e precisam tanto compreender o legado histórico musical da cidade quanto estudar para além disso para conseguir suceder esse estilo musical e criar algo novo.

Tal percepção dialoga com a leitura da pesquisadora Priscila Silva (2023) quando ela reflete sobre Frederic Jameson e Mark Fisher em suas visões sobre o impacto da nostalgia na produção cultural atual no capitalismo

[...] o sentido coerente do tempo histórico se rompeu gerando uma incapacidade de produzir novidade, o que a torna excessivamente apegada “às técnicas e fórmulas do passado” e incapacitada de “criar formas culturais inovadoras adequadas à experiência contemporânea” (FISHER, 2018, p. 36). Os produtos culturais da contemporaneidade e suas representações, dessa forma, resultam numa justaposição de fórmulas e formas pertencentes a diversas temporalidades, gerando produtos temporalmente indistintos. (Silva, 2023)

Beró também acredita que há cada vez mais artistas que criam obras diferentes na cidade, porém também expressa enxergar que o legado do Mangubeat se reverbera até os dias de hoje:

Tem tanta coisa diferente surgindo simultaneamente que hoje eu acho um pouco difícil a gente conseguir bater o martelo [para definir uma assinatura sonora recifense]. Apesar disso, todo mundo tem um vestígio, um traço, uma referenciazinha do Mangubeat, porque todo mundo viveu isso, mesmo que indiretamente, é uma coisa que passeia pelo grande ego pernambucano.

A partir disso, os entrevistados ressaltam como a cultura pernambucana tem sido instrumentalizada e transformada em *commodity* para a maximização do lucro, o que molda um mercado do turismo com a cultura local. Em entrevista, Nadí afirma ter muito respeito por como Pernambuco tratou sua cultura nos últimos 100 anos. Mas ela também critica como mais recentemente tal cultura tem sido utilizada pelo poder público e pelas elites, que constroem uma versão “higienizada” da cultura

popular, separam os ambientes e enriquecem em cima dessas manifestações sem que contemplem financeiramente a população que as mantém:

Eu sinto que nos últimos anos tem (ocorrido muito uma) camarotização dessa cultura, sabe? Então pessoas com mais dinheiro conseguem ter uma versão mais confortável da vivência do Carnaval, ou do São João, então [...] as pessoas não ganham dinheiro pelo o que elas fazem, que é um trabalho incrível de centenas de anos, mas quem tem grana pra manter um estilo de vida consegue viver a melhor versão dessas manifestações, né? Então eu acho que o poder público tá, como sempre, investindo no bem estar de quem pode pagar por ele.

Johnny compartilha de uma visão semelhante. Ele critica a prefeitura e o governo do estado ao comentar: “começaram a querer lucrar muito com o próprio turismo, com a própria visão de bairrismo que se tem por aqui”. Ele alega que isso tem distanciado a produção da arte por realização própria do artista e afirma que isso tem transformado a cultura em “*commodity*” e “mercado para gringo querer comprar”.

Por fim, Minino Johnny traça outro paralelo com a música ao criticar como os incentivos culturais acabam por abarcar os mesmos artistas que já são contemplados há muito tempo, enquanto novos artistas não recebem atenção e demora muito para que sejam incluídos, uma vez que já existe uma “autarquia da música pernambucana” estabelecida.

### **Há uma cena contemporânea de rock em Recife?**

Quando perguntados diretamente se há uma contemporânea cena definida de rock em Recife, as respostas foram divididas. Quase metade dos entrevistados acreditam que há e a outra metade discorda, sendo a maioria pertencente ao segundo grupo.

Os argumentos a favor abrangem fatores como o grande companheirismo e cooperação entre as diferentes bandas. Atrelado a isso, também está o surgimento de muitos novos grupos, em especial em cidades da região metropolitana, como cita Dennis Santana, da *Macaco que Pensa, Sofre*, ao exemplificar Olinda e Paulista.

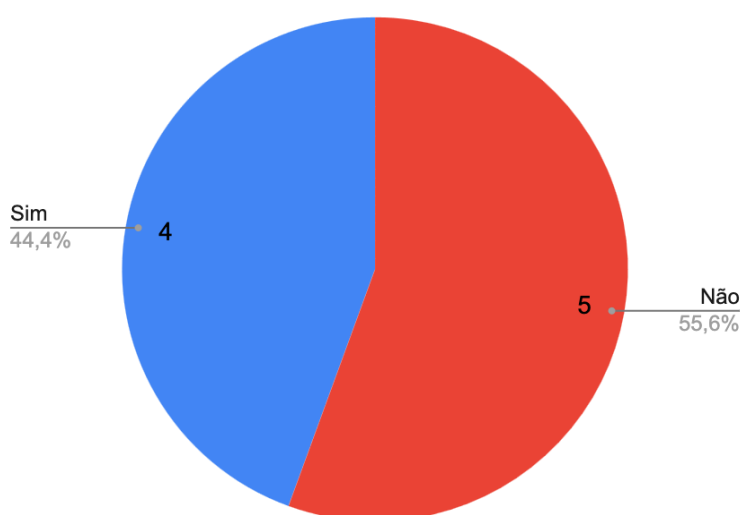
Antonio Nolasco, da banda *Jambre*, compartilha desse sentimento e enfatiza o surgimento de novas bandas, bem como projetos antigos que continuam. Além disso, também é citada a efervescência cultural e a pluralidade de Recife e Pernambuco para afirmar que existe, sim, uma cena do rock recifense.

Porém, os entrevistados que discordam dessa visão acreditam que, por mais que ocorram colaborações e companheirismo entre as bandas, ainda há uma fragmentação, o que resulta um certo isolamento entre os artistas. Paralelamente, os músicos argumentam que, justamente pela efervescência e pluralidade cultural que é observada no *underground* do rock recifense, não existe uma cena definida, isto é, o gênero sobrevive, projetos novos estão surgindo, mas não existe uma homogeneidade ou característica definidas de uma cena como se tradicionalmente entende. O gráfico da Figura 9 mostra a divisão das opiniões entre os entrevistados.

As dinâmicas de produção musical dos artistas entrevistados é composta por grupos de amigos que se reúnem casualmente para tocas sociais sem uma nítida intenção de se construir algo muito maior, semelhante ao Udigrudi antes de uma categorização do movimento. Assim, é perceptível que, segundo a amostra de entrevistados, não há um consenso sobre a existência de uma cena definida do rock recifense contemporâneo. No entanto, ambos os grupos concordam com a riqueza cultural e a diversidade artística que tem surgido na capital pernambucana e suas redondezas.

**Figura 9** — Respostas à pergunta: “Para você existe uma cena do rock recifense atual?”. 2025.

Para você existe uma cena definida do rock recifense atual?



**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nas entrevistas (2025).

Tal fato dialoga com questões de desigualdade de acesso à produção musical e a meios de divulgação da arte, onde há uma sobrecarga de conteúdo e, por



consequência, dificilmente todos conseguem destaque. Além disso, também ficam à mercê do algoritmo das mídias digitais, que acabam por ter o potencial de moldar o que será consumido pelo grande público. (Almeida, 2026)

Tal dinâmica do algoritmo pôde ser observada, em menor escala, para a construção dessa pesquisa, uma vez que nenhuma das bandas ou artistas chegou a mim por meio do algoritmo. Como já constatado nos procedimentos metodológicos, a seleção foi feita manualmente, buscando por bandas com conexão entre si por meio de mídias digitais ou por recomendações pessoais, o que contrasta diretamente com a maioria das músicas que ouço, que geralmente são “organicamente descobertas” por “mim”, ou seja, o algoritmo escolhe me recomendá-las.

### Considerações Finais

Com este trabalho, percebeu-se que há uma efervescência plural para o surgimento cultural no *underground* recifense. As interações de jovens amigos que compartilham a paixão pela arte, a mesma história e os mesmos espaços de vivência possibilitaram a criação de um contexto heterogêneo e colaborativo da música na capital pernambucana.

Assim, observa-se que há um grande legado da influência da música local para a cultura recifense contemporânea. A partir disso, destaca-se o Mangubeat que, apesar de toda sua relevância histórica e cultural, criou o “fantasma do Manguê”, que consiste na ideia e no sentimento dos artistas locais se sentirem obrigados a reverberar o mesmo estilo musical que já ecoa há pelo menos 3 décadas.

Tal hábito acaba por criar a possibilidade de transformar a cultura pernambucana em *commodity*. Isto é, suas expressões são, muitas vezes, reduzidas a produtos comercializáveis. Dessa forma, traços de uma produção artística autêntica, voltada para a arte em si, são substituídos por uma lógica que prioriza a maximização de lucros.

### Referências

ALMEIDA, João Vitor Freire. **Geografias do rock recifense contemporâneo: sociabilidades musicais na era digital (2020-2025)**. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2025.

- ALVES, C. N. Lugar e música, concretude e imaginação: a cena psicodélica setentista em Pernambuco (Brasil). **Caminhos de Geografia**. Uberlândia. v. 24, n. 96, p. 185–195, dez. 2023.
- ARATANHA AZUL. **Aratanha Azul**. Recife: Rozenblit, 1979. 1 EP.
- AVE SANGRIA. **Ave Sangria**. Rio de Janeiro: Continental, 1974. 1 LP.
- CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.
- CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Music, 1994. 1 CD.
- HÓSPEDES DA RUA ROSA. **Hóspedes da Rua Rosa**. [S.l.]: Spotify, [s.d.]. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/1rn1SK94K5uaonQj8zwDhi>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- DRVA. **DRVA**. [S.l.]: Spotify, [s.d.]. Disponível em: <https://open.spotify.com/artist/ohIKVFqL9txJF2w17RJrbN>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco). Cena metal em Pernambuco em debate no Sonora Coletiva. [S.l.], 4 out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias-1/cena-metal-em-pernambuco-em-debate-no-sonora-coletiva>. Acesso em: 26 dez. 2025.
- JAMBRE. **Jambre**. [S.l.]: Spotify, [s.d.]. Disponível em: <https://open.spotify.com/artist/1WoxWsYUOIUmweU2gmti5J>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- JORNAL DO BRASIL. Ave Sangria volta à ativa redescoberta pela geração internet. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 fev. 2019. Caderno B – Cultura. Disponível em: <https://www.jb.com.br/cultura/2019/02/982249-ave-sangria-volta-a-ativa-redescoberta-pela-geracao-internet.html>. Acesso em: 10 dez. 2025.
- MACACO QUE PENSA, SOFRE. **Macaco que pensam sofre**. [S.l.]: Spotify, [s.d.]. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/1RLCdGK9jb9MKgCHyiI6YU>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- MANGROOV. **Mangroov**. [S.l.]: Spotify, [s.d.]. Disponível em: <https://open.spotify.com/artist/27z4EuJckssQ7C1QY0Di4L>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- MELO, B. A. L.; VILELA, P. T. Das paredes da Pedra Encantada à cidade grande: uma análise socioespacial da cena udigrudi no Recife (1972-1975). **Revista de Geografia (Recife)**, v. 35, n. 1 (esp.), p. 120-134, 2018.
- MONTE, C. A. S.; ROSA, W. T. A geografia e a música no Recife: representações socioespaciais da cidade a partir das letras das canções do movimento Mangubeat. In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, São Luís, jun. 2016. **Anais [...]** São Luís: AGB, 2016.
- PAPÔLA. **Papôla**. [S.l.]: Spotify, [s.d.]. Disponível em: <https://open.spotify.com/artist/75QtFEkddr2y6u35NZtG7I>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- PEREIRA, A. Circuito da Poesia em Recife: a pé entre versos e melodias. **Turista imPerfeito**, [s.l.], 05 set. 2021. Disponível em: <https://www.turistaimperfeito.com/circuito-da-poesia-em-recife/>. Acesso em: 9, dez. 2025.
- RIBEIRO, G. **Do tédio ao caos, do caos à lama: os primeiros capítulos da cena musical manguê – Recife (1984–1991)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.
- SAMSUNG COMMUNITY. Estátua de Chico Science. **Galeria Galaxy**, 2024. Disponível em: <https://r1.community.samsung.com/t5/galeria-galaxy/est%C3%A1tua-de-chico-science/m-p/27816472>. Acesso em: 8 dez. 2025.



SILVA, G. E. C. **Entre ritos, distorções e gritos: experiências territoriais e paisagísticas a partir dos shows de Heavy Metal da cena musical belo-horizontina entre 2000 e 2023.** 2025. Tese (Doutorado em Geografia) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

SILVA, P. G. **A crise do tempo, a desorientação e o lento cancelamento do futuro.** Horizontes Históricos, v. 6, n. 1, p. 271-282, 2023. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/HORIZONTES/article/view/19318>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SPOTIFY. 🌟 **Geografias do rock recifense contemporâneo:** sociabilidades musicais na era digital (2020-2025). Playlist no Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/4A4EcvSlqTaRplv3XmxZw>. Acesso em: 10 dez. 2025.

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). **Cities of music: Recife.** [S.l.], 2025. Disponível em: <https://citiesofmusic.net/city/recife/>. Acesso em: 11 dez. 2025.

WIKIPÉDIA. Caranguejo na Rua Aurora, Recife. **Wikipédia: a enciclopédia livre**, 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Caranguejo\\_Rua\\_Aurora\\_Recife\\_04\\_07\\_30.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Caranguejo_Rua_Aurora_Recife_04_07_30.jpg). Acesso em: 8, dez. 2025.

ZERO QUATRO, Fred. Caranguejos com cérebro. **G1**, São Paulo, 18 set. 2009. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1308779-7085,00.html>. Acesso em 11 de dez. 2025